

REPERCUSSÕES DO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA FAMÍLIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Mário Duarte Câmara¹
Mônica Rafaela de Almeida²

RESUMO

Este trabalho surgiu a partir das vivências do autor principal como pai atípico, em que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista do filho trouxe impactos nas relações familiares. Assim, buscou-se compreender as repercussões socioemocionais que o diagnóstico de autismo traz para a família, procurando entender como ficam as redes de apoio, as relações com a escola e o acesso às intervenções com profissionais especializados. Para isto, procurou-se realizar um estudo exploratório, aplicando um questionário com familiares de pessoas com autismo. Participaram do estudo 70 pessoas de diferentes Estados brasileiros. Os dados foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo Temática. Os resultados evidenciaram que o diagnóstico de TEA repercute nas famílias, trazendo impactos socioemocionais e demandando mudanças na rotina familiar, profissional e social. Além disso, percebeu-se que as dificuldades de acesso aos tratamentos e a falta de apoio têm gerado angústia e estresse nas famílias. Observou-se também que as mães atípicas são as principais cuidadoras das pessoas autistas e que as famílias ampliaram o conhecimento sobre o TEA após o diagnóstico. Esses dados mostram os desafios e perspectivas enfrentados pelas famílias atípicas após o diagnóstico, o que repercute diretamente nas relações parentais, sociais e profissionais, gerando um nível de sofrimento significativo.

Palavras-chave: Autismo. Relações familiares. Repercussões socioemocionais.

ABSTRACT

This study arose from the experiences of the main author as an atypical father, in which the diagnosis of his son's Autism Spectrum Disorder had an impact on family relationships. Thus, we sought to understand the socio-emotional repercussions that the diagnosis of autism brings to the family, seeking to understand how support networks, relationships with the school and access to interventions with specialized professionals are affected. To this end, we sought to conduct an exploratory study, applying a questionnaire to family members of people with autism. Seventy people from different Brazilian states participated in the study. The data were analyzed according to Thematic Content Analysis. The results showed that the diagnosis of ASD has repercussions on families, bringing socio-emotional impacts and demanding changes in family, professional and social routines. In addition, it was noted that difficulties in accessing treatments and the lack of support have generated anguish and stress in families. It was also observed that atypical mothers are the main caregivers of autistic individuals and that families have increased their knowledge about ASD after diagnosis. These data show the challenges and perspectives faced by atypical families after diagnosis, which directly impacts parental, social and professional relationships, generating a significant level of suffering.

Keywords: Autism. Family relationships. Socioemotional repercussions.

¹Graduação em Filosofia e Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte.

²Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu a partir da experiência do autor principal do trabalho como pai de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em que o diagnóstico trouxe repercussões socioemocionais na família e alterações na dinâmica das relações familiares. Nesse processo, tem-se vivenciado dificuldades, preconceitos, medos, desafios, esperanças, superações e novas aprendizagens. Assim, espera-se que no horizonte tenhamos uma sociedade que inclua todas as pessoas, valorizando suas potencialidades e respeitando seus limites, direitos e tempo de aprendizagens.

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, que apresenta níveis de suporte de acordo com as necessidades de apoio e dificuldades funcionais. Sendo caracterizado por dificuldades em duas dimensões: comunicação social, que se refere à linguagem funcional prejudicada e baixa reciprocidade socioemocional e comportamental, que está relacionada às alterações sensoriais, aos padrões repetitivos e restritivos de interesses ou atividades (American Psychiatric Association, 2022).

Os indicadores epidemiológicos mundiais mostram um aumento significativo de diagnósticos de autismo. Em 2023, os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos da América, evidenciaram que uma em cada 36 crianças de até oito anos de idade tem diagnóstico de TEA. Em relação ao sexo, a prevalência do diagnóstico se mostra maior no sexo masculino, sendo 3,8 meninos para cada menina (CDC, 2023).

A organização Mundial de Saúde (2021), estima que 1% da população mundial esteja no espectro autista e só no Brasil existem 2 milhões de pessoas com TEA, por isso é importante o desenvolvimento de estudos sobre a temática, pois além de esclarecer e trazer garantias podem também servir como base para outros estudos, contribuindo assim ao universo acadêmico (Martins, Santos e Lima. 2022, p.02).

Os estudos têm mostrado que o acesso ao diagnóstico do autismo tem afetado a vida das famílias, pois além da aceitação e mudança nas rotinas, há o medo da exclusão social e a dificuldade de acesso aos tratamentos necessários para minimizar as dificuldades das pessoas autistas (Pinto et al., 2016; Schmidt, 2017; Machado, Londero e Pereira, 2018; Martins, Santos e Lima, 2022).

O diagnóstico de autismo gera muitas mudanças nas demandas familiares, pois dependendo do nível de suporte, há a necessidade de uma rotina de terapias, o que requer tempo e disponibilidade da família, por isso, muitos familiares deixam de trabalhar para

cuidar e se dedicar às pessoas autistas. As pesquisas têm apontado que a mãe é a principal cuidadora das pessoas autistas, o que pode estar associando aos papéis de gênero construídos socialmente (Pinto e Constantinidis, 2020; Martins, Santos e Lima, 2022).

Assim, o objetivo geral deste trabalho é compreender as repercussões socioemocionais que o diagnóstico de autismo traz para a família, procurando entender como ficam as redes de apoio, as relações com a escola e o acesso às intervenções com profissionais especializados.

2. MÉTODO

Realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, que segundo Gil (1999), “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (p. 43), podendo ser definida como uma pesquisa que utilizou dados quanti e qualitativos, de modo a entender o fenômeno em sua complexidade (Souza e Kerbauy, 2017).

A coleta de dados foi realizada a partir de um questionário com 25 questões, com perguntas abertas e fechadas, que foi elaborado na plataforma Google Formulários. O link do questionário foi disponibilizado em grupos de Whatsapp® e Telegram® os quais reuniam famílias de crianças e adolescentes com TEA. O acesso a esses grupos se deu porque o pesquisador principal é pai atípico e membro dos grupos, desde quando recebeu o diagnóstico do seu filho.

O questionário ficou aberto por quinze dias e houve 70 respostas. Assim, participaram do estudo 70 pessoas de diferentes Estados brasileiros. Os dados qualitativos foram analisados a partir da Análise Temática de Conteúdo (Minayo, 2014) e os dados quantitativos foram organizados a partir de cálculos de média e frequências.

3. AS REPERCUSSÕES DO DIAGNÓSTICO DO TEA NA FAMÍLIA

As respostas obtidas através do questionário foram organizadas em três categorias: Perfil dos participantes; A família e o diagnóstico do autismo: desafios e perspectivas; Redes de apoio e dificuldades socioeducacionais.

3.1 Perfil dos participantes

A maioria das respostas ao questionário (74%) foi de pessoas que residiam no Rio Grande do Norte, mas houve respostas de pessoas residentes nos estados de Pernambuco, Distrito

Federal, Bahia, Ceará e Rio de Janeiro. Esses dados podem ser relacionados ao quantitativo de grupos em que o questionário foi inicialmente compartilhado, que são de pessoas do Rio Grande do Norte, principalmente da cidade de Natal e região metropolitana, onde reside o pesquisador.

Os participantes da pesquisa, em sua maioria (75,7%) possuíam um nível de escolaridade elevado, sendo 45,7 % com pós-graduação e 30% com graduação. Observou-se também que a maioria dos participantes tem conhecimento sobre autismo, o que sugere que o público da pesquisa tem acesso a meios que possibilitam o conhecimento sobre a temática, fato que pode estar relacionado ao nível de escolaridade daquele grupo.

Os dados da pesquisa mostraram também que a maior parte dos respondentes são mães (91,4%). A predominância das mães como respondentes chama atenção, mas não surpreende, pois a literatura tem apontado que são elas que assumem as responsabilidades relacionadas aos cuidados das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Pinto e Constantinidis, 2020; Martins, Santos e Lima, 2022). “A sobrecarga de tarefas (exemplos: cuidados com a criança, responsabilidades com consultas e com a casa) [...] e o excesso de responsabilidades é concentrado nas mães” (Semensato, Bosa, 2013, p.82)

Esses dados remetem a uma construção social do papel da mulher, advindo de uma sociedade historicamente patriarcal, em que as responsabilidades de cuidado ficam concentradas nas mulheres, enquanto o homem tem o papel de ser o provedor da casa. Embora essa situação esteja mudando, pois muitas mulheres estão ocupando espaços profissionais e sendo as principais provedoras da casa, ainda há uma sobrecarga de atividades para as mulheres, pois além de trabalhar fora de casa, precisam dar conta, sozinhas, dos cuidados com os filhos e os afazeres domésticos.

E a situação se torna ainda mais crítica quando há o abandono paterno por não aceitar o diagnóstico de autismo, o que aumenta ainda mais as demandas para as mulheres. “A rotina de cuidados diários, adaptações e mudanças gera nas mães grande cansaço físico e desgaste emocional, tornando essa população um grande alvo, com nível elevado de estresse” (Pinto e Constantinidis, 2022, p. 90).

3.2 A família e o diagnóstico do autismo: desafios e perspectivas

Ter um filho é uma tarefa desafiadora, mas se este for atípico, as dificuldades são ainda maiores, por isso as famílias ao saberem do diagnóstico de autismo tendem a sentir medo, raiva, tristeza, sentimento de culpa, frustração e desespero, pois ainda não se tem uma sociedade que saiba conviver com a diversidade, onde haja a oferta de oportunidades

para todas as pessoas. Assim, na pesquisa realizada percebeu-se diversos sentimentos no momento do recebimento do diagnóstico, conforme pode ser visualizado nos depoimentos:

Medo de como seria o futuro da minha filha, sem saber se ela iria conseguir se desenvolver, aprender, ser uma adulta independente. (Participante 1)

Fiquei muito triste e com raiva. (Participante 6)

Foi terrível, entrei em depressão... A mãe aceitou mais de boa. (Participante 11)

Ficamos tristes, não pelo fato de ela ser autista, pois temos o apoio da família, mais pelo que vamos enfrentar, preconceito e muitas vezes rejeição. (Participante 15)

Fiquei sem acreditar, uma angústia misturada com medo, um sentimento de impotência em meio a esse mundo cheio de maldade. (Participante 66)

Fiquei apreensiva, chorei, senti medo do futuro, do preconceito das pessoas. Uma mistura de sentimentos. (Participante 64)

Medo do desconhecido, e sentimento de luto. (Participante 40)

Observou-se também relatos de alívio, pois a partir do diagnóstico foi possível procurar explicações e entender melhor o que observavam nos filhos e assim buscar apoios:

Alívio por encontrar uma resposta. (Participante 7)

Já desconfiávamos que poderia ser TEA, pois a criança não interagia bem com outras crianças e não falava. O diagnóstico foi só uma confirmação do que a gente já desconfiava. (Participante 13)

Surpresa. Alívio. Necessidade de estudar e aprofundar o conhecimento para dar suporte; buscar as terapias. (Participante 20)

Foi bom saber bem cedo para poder começar os acompanhamentos. (Participante 22)

Feliz em ter uma resposta, após anos de busca. (Participante 70)

Pelos relatos verificou-se que as famílias tem sentimentos diversos no momento do diagnóstico. Para Bosa (2006) é importante que os profissionais de saúde e as redes de apoio possam auxiliar as famílias no acolhimento dos sentimentos diante do diagnóstico de autismo, estimulando-as a reconhecê-los como parte do processo natural de adaptação às novas demandas da vida.

Embora o diagnóstico não seja um evento agradável para as famílias, a demora em aceitar a condição do filho pode retardar o início das intervenções e a busca dos direitos que lhe são garantidos pela legislação. Brites e Brites (2019) afirmam que “O diagnóstico concluído proporciona à família o acesso ao laudo médico, o qual abrirá portas tanto para o indivíduo quanto seus cuidadores tenham direitos garantidos por lei nos mais diversos eixos da vida civil” (p.89). As pessoas com TEA têm os mesmos direitos garantidos às pessoas com deficiência, conforme regulamenta a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012).

De acordo com Braga (2018), a família da pessoa autista ao receber o diagnóstico passa por três momentos: o de negação, o de adaptação e o de aceitação. Os participantes da pesquisa também indicaram ter vivenciado esses momentos, conforme pode-se visualizar nos relatos:

Por mais que eu já tivesse certeza, foi um baque, pois sempre restava uma esperança [...]. (Participante 27)

Tristeza, luto e incredulidade. (Participante 33)

Embora minhas suspeitas foram apenas confirmadas, foi um luto; o chão se abriu naquele momento. (Participante 37)

Surpresa, incredulidade e tristeza. (Participante 41)

Um baque muito grande. Eu não sabia o que era autismo até descobrir em meu filho. Vivi um luto nos primeiros meses. (Participante 52)

Inicialmente fiquei em abalada, pedindo um milagre a Deus, pois sou católica. Mas imediatamente comecei a buscar por tratamento e terapias. O pai só veio acreditar depois de alguns anos...quando ficou nítido o atraso no desenvolvimento. Minha família também clamava pelo milagre da cura, mas aceitamos e a amamos como ela é. (Participante 58)

Os dados da pesquisa mostraram que a descoberta do diagnóstico de autismo gera vários sentimentos e medos nas vivências das famílias. E verificou-se que não há uma forma única de vivenciar esse momento, cada pessoa e família têm suas reações e estratégias de enfrentamento.

O impacto gerado pela notícia do diagnóstico faz com que muitos familiares vivenciem grande tensão, ansiedade e desesperança, pois a carência de serviços de suporte, a insegurança e o estigma social ainda são muito fortes, causando sentimentos conflituosos, [...] como negação, adaptação e aceitação; emoções que cada família vive de forma distinta e que merecem ser respeitadas por nós profissionais e pelo próprio grupo familiar de forma sensível (Braga, 2018, p.14)

Fadda e Cury (2019) fizeram uma pesquisa no interior de Minas Gerais com pais e mães de crianças autistas e constataram que a aceitação do diagnóstico depende do conhecimento que estes têm sobre o TEA, do acesso às intervenções e das redes de apoio existentes para as famílias atípicas. A maioria das pessoas que participaram da pesquisa possuem formação acadêmica elevada, indicando a existência de maior acesso a informações sobre o TEA e tratamentos para seus filhos, mas mesmo assim, receber o diagnóstico não foi fácil e exigiu um longo processo de aceitação.

Num contexto de uma família sem acesso a informações, intervenções e redes de apoio, os desdobramentos do diagnóstico de TEA podem ser ainda mais complexos. Pinto et al. (2016) fizeram um estudo sobre o autismo em uma pequena cidade do interior paraibano, no qual as condições sociais das pessoas eram inferiores às da nossa pesquisa, e perceberam que as famílias, quando recebem o diagnóstico do profissional, não compreendem o que é o TEA – exemplo disto é o relato compartilhado pelos autores acerca de uma mãe, diante do diagnóstico recebido de um médico: “[...] Ele só disse que a criança tinha autismo. Foi rápido. Ele não falou mais nada [...] foi quando eu perguntei: ‘Sim doutor, e o que é isso? É grave? Me explique melhor. Como faz? Tem tratamento? Foi uma coisa muito assim’” (Pinto et al., 2016, p.6).

No começo eu não queria aceitar, depois de estudar e conversar com os médicos, comecei a entender um pouco sobre o assunto. Mas, vieram diversos sentimentos de culpa, fracasso, medo da reação das pessoas, do preconceito, do futuro. Depois eu comecei a entender que isso não é o fim. Quanto à família, a minha já desconfiava, por isso entendeu, acolheu e me ajudou. Mas, a família paterna ainda hoje não aceita muito. Eles dizem que eu mimo demais, que a culpa é minha porque não tive tempo pra ensinar as coisas devido ao meu trabalho, e enfim eu sinto que mudou muito o comportamento deles até com ela. (Participante 16)

No momento do diagnóstico, é importante que as famílias sejam orientadas dos seus direitos e da necessidade de buscar intervenções de profissionais especializados, quando se fizer necessário, para que as pessoas autistas possam ter um pleno desenvolvimento humano e acesso a todos os direitos que lhes são resguardados por lei. Esse suporte dos profissionais que fazem o diagnóstico é fundamental para garantir um acolhimento e os encaminhamentos adequados. Percebe-se que os sentimentos das famílias vão mudando conforme elas aprendem mais sobre o TEA.

Através dos relatos dos participantes da pesquisa, percebeu-se também uma preocupação com o futuro dos filhos, o que vai acontecer quando crescerem ou quando os

pais não estiverem mais presentes. Seregen e Françoze (2014) em seus estudos observaram que as famílias demonstram medos e incertezas quanto ao desenvolvimento pleno e autonomia das pessoas autistas. Fadda e Cury (2019) relatam que algumas mães “mostravam-se bastante abatidas ao imaginar a possibilidade de os filhos não serem bem tratados quando elas viessem a falecer ou quando fossem incapazes de cuidar deles (p.05)”.

3.3 Redes de apoio e dificuldades socioeducacionais

As redes de apoio constituem-se em importantes suportes para as pessoas responsáveis por crianças ou adolescentes atípicos (Klinger et al., 2020). Nessa perspectiva, foi perguntado se alguém da família participava de alguma rede de apoio, de associação ou de grupo de pais. Observou-se que 60% dos participantes da pesquisa têm alguma rede ou grupo de apoio relacionada ao autismo. Os mais citados foram Grupo Mães Corujas Batalhadoras, Movimento Pró Inclusão da PCD, Semear, Corujas do Seridó, Centro de Reabilitação, Associação Fortaleza Azul, Associação dos Amigos dos Autistas do Vale do São Francisco, Grupo Semear e Colher e Grupos de mães.

Através das redes de apoio, as famílias encontram suporte e apoio emocional, uma vez que partilham informações, orientações, angústias, frustrações, alegrias e tristezas. De acordo com Klinger et al. (2020), a rede de apoio se constitui em fator de proteção diante do estresse parental, sendo muito importante para as famílias, pois podem expor o que sentem, conhecer direitos, trocar informações sobre profissionais da saúde e educação.

Buscou-se ainda conhecer a respeito das dificuldades encontradas pelas famílias após o diagnóstico do autismo. Verificou-se que as famílias encontram muitos desafios no âmbito social e educacional, conforme pode-se visualizar nos depoimentos:

Infelizmente a sociedade ainda é muito preconceituosa, acredito que seja por falta de conhecimento. (Participante 61)

Por ser mãe sozinha, a luta para educar sozinha... correr atrás de tudo sozinha. Falta de segurança em relação às ruas, sem as devidas adaptações. (Participante 3)

Falta de empatia da sociedade. E as escolas muito fechadas à participação da família e também fazer o trabalho de adaptações necessários, sem ser faz de conta. Graças a Deus, encontramos uma escola aberta a todas essas questões escolares e em essencial humana, que faz ,de fato, um trabalho com as outras crianças pela aceitação do diferente como normal. (Participante 5)

Aceitação da sociedade quanto às dificuldades dele, falta de empatia e até discriminação. Na escola, ainda há muita limitação quanto à presença de terapeutas, existem muitas barreiras. (Participante 6)

Meu filho estuda numa escola infantil muito acolhedora, mas próximo ano terá que ir pra uma escola de ensino fundamental e não sei como será recebido/tratado. O desconhecimento das pessoas sobre o autismo acaba levando ao preconceito, e isso causando mais sofrimento à criança. (Participante 7)

Através dos relatos mencionados anteriormente, pode-se verificar que o preconceito ainda é uma barreira a ser desconstruída socialmente. Para isso, entende-se que é necessário ampliar as discussões sobre o TEA, de modo que as pessoas aprendam a viver com a diversidade humana, respeitando os limites e valorizando as potencialidades de cada indivíduo, seja típico ou atípico.

Além disso, a inclusão escolar é um desafio que precisa ser implementado, com igualdade de condições de acesso ao ensino e aprendizagem para todos os educandos. Para isso, é necessário que a comunidade escolar tenha conhecimentos que possam orientar as práticas inclusivas, pois quando há a inserção de diversas estratégias de ensino e aprendizagem, as pessoas autistas têm a possibilidade de desenvolver suas potencialidades, avançando nas áreas comportamentais, funcionais e no desenvolvimento cognitivo.

De acordo com Cunha (2019, p. 94):

“crianças ou adolescentes com autismo nem sempre sabem estabelecer esse divisor comportamental entre família e a escola. Normalmente, seguem o mesmo comportamento nos dois ambientes. O que a escola e a família necessitam é criar momentos afetivos que estimulem o comportamento adequado, com atividades lúdicas e prazerosas.”

Portanto, a parceria entre família e escola tem grandes contribuições para ampliação do desenvolvimento das crianças e adolescentes autistas, porque essa troca de experiências amplia as possibilidades de intervenções educativas inclusivas e adaptadas à realidade das especificidades de cada pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa evidenciaram que o diagnóstico de TEA repercute nas famílias, trazendo impactos socioemocionais e demandando mudanças na rotina familiar, profissional e social. Além disso, percebeu-se que as dificuldades de acesso aos tratamentos e a falta de apoio têm gerado angústia e estresse nas famílias.

Observou-se também que as mães atípicas são as principais cuidadoras das pessoas autistas. Isso contribui de maneira significativa para uma queda na qualidade de vida dessas mulheres e é reflexo de uma sociedade patriarcal, que reserva às mulheres o papel de cuidadora.

Percebeu-se que as famílias ampliaram o conhecimento sobre o TEA após o diagnóstico, o que as auxiliou no processo de luta pelos direitos das pessoas autistas na sociedade e pela inclusão no contexto educacional. Mesmo que tenham havido diversos avanços nos últimos anos, ainda existem muitos desafios a serem superados, a fim de que se implemente um processo de efetiva inclusão e acessibilidade para todos.

O recorte de dados desta pesquisa demonstra os desafios e perspectivas enfrentados pelas famílias atípicas após o diagnóstico do TEA, o que pode estar repercutindo diretamente nas relações parentais, sociais e profissionais, gerando um nível de sofrimento significativo, que precisa ser acolhido, respeitado e cuidado. Assim, entende-se que toda a família atípica precisa de apoio e suporte, por parte das políticas públicas, das instituições educacionais, das redes de apoio e da comunidade.

REFERÊNCIAS

APA, AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (5th ed.TR). American Psychiatric Publishing, 2022.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 28 (Supl I), p. 47-53, 2006. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>

BRAGA, W. C. **Autismo Azul e de todas as cores**. Guia básico para os profissionais. São Paulo: Paulinas, 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Presidência da República. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm Acesso em: 04 mai. 2024.

BRITES, L. ; BRITES, DR. C. **Mentes Únicas**. São Paulo: Editora Gente, 2019.

CDC, CENTERS OF DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years** — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2023. Morbidity and Mortality Weekly Report, 2023. Disponível em https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm?s_cid=ss7202a1_w. Acessado em 27 jul. 2024.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão** – psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 8. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

FADDA, G. M.; CURY, V. E. A experiência de mães e pais no relacionamento com o filho diagnosticado com autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 35 (spe), p. 1-9, 2019. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KLINGER, F. E. et al. Dinâmica familiar e redes de apoio no transtorno do espectro autista. **Revista Amazônia Science & Health**, v.8, n. 1, p. 123-137, 2020. 10.18606/2318-1419/amazonia.sci.health.v8n1p123-137

MARTINS, M. V. B. S.; SANTOS, J. K. M.; LIMA, J. A. O impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na vida familiar. **Brazilian Journal of Development**, v. 11, n. 16, p. 1-9, 2022. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n1-394>

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 14ª edição, 2014.

PINTO, A. S.; CONSTANTINIDIS, T. C. Revisão integrativa sobre vivência de mães de crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 89-103, 2020. <https://doi.org/10.20435/pssa.v0i0.799>

PINTO, M. N. R. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, p. 1-9, 2016.

SCHMIDT, C. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 2, p. 221-230, 2017. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v22i2.34651>

SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A. As famílias das crianças com autismo: contribuições empíricas e clínicas. In: SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A.; SCHMIDT, C. (orgs). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Papirus, 2013.

SEREGEN, L.; FRANÇOZO, M. F. C. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 1, p. 39-46, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-7372207840004>

SOUZA, R. K.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, v. 31, n. 61 p. 21-44, 2017. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n61a2017-p21a44>